



<b>NOME DO ALUNO: Fernando Carbonell da Fontoura</b>	
<b>CURSO: Graduação em Filosofia</b>	<b>TURNO: Noite</b>
<b>TÍTULO: Identidade na epistemologia objetivista de Ayn Rand</b>	
<b>TIPO DE TRABALHO</b>	
<b>Trabalho de Conclusão de Curso</b>	<b>Professor Orientador: Prof<sup>a</sup>. Me. Giovana Dalmás</b>

FACULDADE IDC  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – BACHARELADO

FERNANDO CARBONELL DA FONTOURA

**IDENTIDADE NA EPISTEMOLOGIA OBJETIVISTA DE AYN RAND**

Porto Alegre

Julho de 2014

**FERNANDO CARBONELL DA FONTOURA**

**IDENTIDADE NA EPISTEMOLOGIA OBJETIVISTA DE AYN RAND**

Monografia apresentada no Curso de Graduação em Filosofia, na Faculdade IDC, como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Filosofia, sob a orientação da Professora Mestre Giovana Dalmás.

Porto Alegre

Julho de 2014

**FERNANDO CARBONELL DA FONTOURA**

**IDENTIDADE NA EPISTEMOLOGIA OBJETIVISTA DE AYN RAND**

Monografia apresentada no Curso de Graduação em Filosofia, na Faculdade IDC, como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Filosofia, sob a orientação da Professora Mestre Giovana Dalmás.

Aprovada em ...../...../.....

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Mestre Giovana Dalmás (Orientadora)

---

Professor Doutor Rafael Werner

---

Professor Doutor Marcos Fanton

## **AGRADECIMENTOS**

À meu falecido pai, Ney, filósofo amador e admirador da natureza humana e do conhecimento.

À Gisele, minha esposa companheira, incentivadora e exemplo de vida e benevolência.

À minha orientadora Giovana Dalmás por sua competência em revelar a clareza dos argumentos e paciência para mostrar as clareiras no meu próprio pensamento.

## RESUMO

Partindo da concepção de que o ser humano pode construir conhecimento e que seu aparato cognitivo, devidamente estimulado, pode dar conta da aprendizagem do mundo exterior e assim construir uma inteligência conceitual, a epistemologia objetivista de Ayn Rand pode ser uma alternativa quanto à relação entre entidade-identidade-causalidade, relação esta perdida ou enfraquecida por teorias epistemológicas durante a história da filosofia. O foco dessa relação está na identidade, à qual é a base de uma teoria do conhecimento que prima pela relação existência-consciência. Através da atividade do sujeito na relação com o mundo, ele trona-se responsável pela construção de seu conhecimento, eliminando assim qualquer tipo de teoria que tire dele sua capacidade cognitiva ou a enfraqueça tornando-o mero expectador das relações do mundo.

**Palavras-chave:** epistemologia, inteligência, conceitos, Ayn Rand, consciência, existência

## ABREVIATURAS

IOE – Introduction to Objectivist Epistemology

OFAR – Objetivismo: a Filosofia de Ayn Rand

## Sumário

<b>I. INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1.1. Metafísica</b> .....	10
<b>1.2. Epistemologia</b> .....	12
<b>1.3. A proposta</b> .....	13
<b>II. CONCEITOS AXIOMÁTICOS: EXISTÊNCIA, IDENTIDADE E CONSCIÊNCIA EM AYN RAND</b> .....	16
<b>III. AYN RAND E OS CONCEITOS ARISTOTÉLICOS EM SUA EPISTEMOLOGIA</b> .....	19
<b>3.1 Essência</b> .....	21
<b>3.2 Causalidade</b> .....	23
<b>3.3 Não-contradição</b> .....	25
<b>3.4 Lógica</b> .....	27
<b>IV. IDENTIDADE EM AYN RAND</b> .....	31
<b>4.1. O Problema Entidade-Identidade-Causalidade</b> .....	33
<b>V. EPISTEMOLOGIA DE AYN RAND E EDUCAÇÃO</b> .....	35
<b>5.1. Teorias Concorrentes</b> .....	38
<b>VI. CONCLUSÃO</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	46

## IDENTIDADE NA EPISTEMOLOGIA OBJETIVISTA DE AYN RAND

### I. INTRODUÇÃO

Para a filósofa russa naturalizada norte-americana Ayn Rand<sup>1</sup>, a filosofia estuda a natureza fundamental do ser humano e da relação do homem com a existência. Essa relação do homem com a existência pode ser retratada por três questionamentos: Onde estou? Como sei isso? O que devo fazer? A primeira pergunta é de caráter metafísico, a segunda é epistemológica e a terceira é moral.<sup>2</sup> Neste texto trataremos especificamente da questão epistemológica e como a filósofa coloca sua teoria acerca do conhecimento dentro do espectro de outras teorias concorrentes durante a história da filosofia. Porém, no corpo de sua epistemologia, daremos ênfase ao conceito de *identidade* e a relação desse conceito na fundamentação do conhecimento humano.

Para contextualizarmos esse conceito a ser estudado – o de identidade – que funda e valida, para Ayn Rand, o conhecimento humano, vale tentar caracterizar, em linhas gerais, o que ela pensava acerca do homem e sua natureza. Em sua antropologia – embora ela não tenha usado essa palavra explicitamente ou tenha definido o homem antropologicamente – podemos dizer que o homem é um ser racional, de consciência volitiva e de natureza conceitual. Aliás, essa última característica é distintiva do ser humano. Tendo essa natureza, ele é capaz de rearranjar as coisas na existência para modificar, criar e estabelecer fatos novos no mundo, e também é capaz de conhecer, porém tem de se esforçar para isso, pois, além de potencialidades, nenhum conhecimento lhe é dado por natureza.

---

<sup>1</sup> Filósofa russa naturalizada norte-americana (1905-1982). Mudou-se para os Estados Unidos da América em 1926 depois de viver os horrores do comunismo soviético onde perdeu sua família, amigos e todos os bens. Trabalhou como roteirista nos Estados Unidos e ficou famosa pelo seu romance *A Nascente* (1943), sobre a história de um homem ideal. Seu grande sucesso literário foi *Atlas Shrugged* (1957, e em português com o título *Quem é John Galt?*) onde apresentou de forma mais aprofundada na trama sua filosofia que batizou de *Objetivismo*, com uma teoria ética, política, epistemológica e sobre a arte. Este livro foi o mais lido nos Estados Unidos, somente perdendo para a Bíblia, segundo *Library of Congress* norte-americano.

<sup>2</sup> RAND, Ayn. *Philosophy: Who needs it*. New York: Signet, 1984, p. 3.

Dentro desse conceito de filosofia e antropologia caracterizado pela filósofa, entraremos no estudo de sua epistemologia que leva o nome de *Objetivista* por aceitar o fato metafísico básico: a existência existe independente da consciência humana. E essa afirmação leva o nome que ela dá de *Primazia da Existência*. Amarrado neste fato, que para a autora é auto-evidente e, como tal, um axioma, se desenvolve sua teoria do conhecimento normativa e suas conclusões que, muitas vezes, parecem ser objetivas em demasia, pois ela não faz concessões em assuntos que a tradição filosófica entende que deveriam se manter sempre abertas a discussões e sem uma franca definição. Neste sentido, a autora propõe uma solução ao tema da formação de conceitos e oferece sua epistemologia como ferramenta. Não cabe aqui estudar de forma minuciosa toda sua normatividade para acharmos problemas ou questões mal resolvidas ou não tão bem respondidas, mas podemos, isso sim, debruçados no conceito de identidade, usar sua teoria para tentar validar o conhecimento humano e sua forma de conhecer.

Nesta tentativa, Ayn Rand quer reestabelecer o vínculo epistemológico entre entidade-identidade-causalidade e, para isso, estabelece a consciência<sup>3</sup> como ponte entre a metafísica e a epistemologia, pois um dos atributos dela, a consciência, é a capacidade de perceber aquilo que existe, de aceitar a realidade e, a partir daí, pela razão, o homem chegar ao conhecimento da natureza das entidades. Essa consciência também é a faculdade de perceber a causalidade, i.é., a ação das coisas que agem de acordo com sua identidade. O limite do conhecimento humano é proporcional ao uso ou não de sua consciência, pois não há outra forma, diz a autora, de estabelecer um conhecimento se não pela relação existência-consciência.

Para estabelecer a importância do conceito de identidade na epistemologia objetivista de Ayn Rand, é conveniente tentarmos elucidar o que a filósofa entende por metafísica e epistemologia.

---

<sup>3</sup> Importante colocar a definição deste conceito para a filósofa russa e sua importância para o conhecimento: "Consciousness, as a state of awareness, is not a passive state, but an active process that consists of two essentials: differentiation and integration", p. 5. (A partir de agora mencionarei esta obra nas referências somente como IOE). Na questão do conhecimento, consciência é a faculdade de perceber aquilo que existe, portanto consciência é consciência de alguma coisa e é aí que se estabelece a relação entre consciência e existência em sua epistemologia.

## 1.1. Metafísica

Para Ayn Rand, a metafísica estuda a natureza do universo como um todo, portanto uma questão metafísica é uma resposta à pergunta: por que a existência existe? Para ela, a existência é um primário autossuficiente (um axioma). A existência existe – e apenas a existência existe. Porém, por “existência” refere-se não somente ao mundo físico, mas a tudo o que tem uma identidade como estados mentais, consciência, ideias, sentimentos. Existência e natureza são irreduzíveis e inalteráveis.<sup>4</sup> Por exemplo, as categorias do ser (qualidades, quantidades, relações, ações, etc.) não tem existência independente, todas representam tão somente aspectos de entidades. Fatos metafísicos são fatos os quais estão inerentes nas identidades daquilo que existe. Eles não são alterados pelo homem e limitam as alternativas abertas à sua escolha. O homem pode rearranjar os materiais que existem na realidade, mas não pode violar suas identidades. Quando dizemos ‘as coisas são’, para um *fato metafisicamente dado*, estamos dizendo ‘elas têm de ser’. A alternativa de o que ‘tem de ser’ *versus* o que ‘não tem de ser’ se aplica apenas a fatos fabricados pelo homem, não no nível metafísico. A existência existe independente da consciência. Um mundo físico de entidades sem ninguém consciente é possível, mas uma consciência sem algo para ser consciente, não. Para a autora, todo princípio metafísico tem implicações epistemológicas, já que todo conhecimento é conhecimento da realidade e essa ligação se dá pela consciência. Aceitar o metafisicamente dado, afirma Ayn Rand, é respeitar a realidade para, assim, não gerar o que ela chama de “rancor metafísico” que acontece quando o indivíduo entra em conflito com a realidade por ela não se conformar aos seus sonhos, desejos ou valores.

Fatos fabricados pelo homem são fatos que dependem de um exercício da volição humana. Nenhum fato fabricado pelo homem é metafisicamente necessário. São fatos que poderiam ser de outra forma, acontecer ou não.

Ao invés de aplicar os termos necessário e contingente, a autora prefere os termos fatos metafisicamente dados e fatos fabricados pelo homem. A terminologia

---

<sup>4</sup> IOE, p.109

“necessário-contingente”, diz ela, serviu para introduzir confusão, pois foi associada, de uma forma ou outra, para negar a identidade e a causalidade<sup>5</sup>, como no caso da dicotomia analítico/sintético.

Perguntas de conteúdo metafísico são, segundo Ayn Rand, perguntas tipo: você está em um universo que é regido por leis naturais, portanto é estável, firme, absoluto e cognoscível ou você está em um caos incompreensível, um reino de milagres inexplicáveis, sem previsão, em um fluxo incognoscível o qual sua mente é incapaz de entender? As coisas ao redor de você são reais ou frutos de uma ilusão? Elas existem independente do observador ou são criadas pelo observador? Elas são o que são ou podem ser mudadas por um mero ato de sua consciência, tal como um desejo?

As alternativas para a existência, diz ela, são uma afronta à lei da identidade. Por exemplo, os existencialistas<sup>6</sup> projetam uma alternativa para a *existência* da existência; os não-existencialistas<sup>7</sup> projetam alternativas para a identidade da existência.

While the existentialists clamor to know why there is something and not nothing, the non-existentialists answer them: “This is a ridiculous question. Of course, there is something. The real question is: why is the something what it is, and not something else?”<sup>8</sup>

A alternativa dos não-existencialistas leva a uma metafísica dos milagres, que afirma que as ações das entidades não estão relacionadas com suas naturezas. Essa conclusão é contrária à objetividade do conhecimento.

---

<sup>5</sup> IOE, p.111.

<sup>6</sup> Para Ayn Rand, existencialistas como Sartre, William Barrett, Samuel Beckett e Heidegger consideram o “nada” como uma coisa, um existente e que “ser” e “não-ser” são forças metafísicas de igual valor. Ela chama essa falácia de *Reificação do Zero*. Ver em IOE, p. 60

<sup>7</sup> Ayn Rand não nomeia os não-existencialistas, mas em IOE, p. 109, ela escreve: “For many centuries, the theory of “contingent facts” was associated with a supernaturalistic metaphysics; such facts, it was said, are the products of a divine creator who could have created them differently – and who can change them at will. This view represents the metaphysics of miracles – the notion that an entity regardless of its identity”.

<sup>8</sup> IOE, p. 110.

Ir contra o metafisicamente dado ou dar alternativas à existência, afirma a filósofa russa, influencia diretamente a forma como podemos elaborar uma teoria do conhecimento e também altera nossa forma de olhar o ser humano.

## 1.2. Epistemologia

Para Ayn Rand, a epistemologia estuda a natureza e os meios do conhecimento humano. Um problema epistemológico é como descobrir fatos e como descobrir o que são. Perguntas epistemológicas são do tipo: como eu sei isso? Como provar a validade das conclusões a que chego? O ser humano chega ao conhecimento por meio da razão ou por outra forma cognitiva?

A importância da epistemologia em sua filosofia é central. Diz ela: “(...) epistemology is the foundation of philosophy”<sup>9</sup>. Antes de estabelecer valores morais, o homem precisa construir seu conhecimento e exatamente por ele ser falível e não onisciente é que ele necessita de uma epistemologia.

(...) man has to acquire knowledge by his own effort, which he may exercise or not, and by process of reason, which he may apply correctly or not. Nature gives him no automatic guarantee of his mental efficacy; he is capable of error, of evasion, of psychological distortion. He needs a *method* of cognition, which he himself has to discover: he must discover how to use his rational faculty, how to validate his conclusions, how to distinguish truth from falsehood, how to set the criteria of *what* he may accept as knowledge.<sup>10</sup>

Neste sentido, a filósofa quer tanto fugir do ceticismo, que diz que o conhecimento é impossível, quanto do misticismo, que diz que o conhecimento está disponível sem esforço. Ambas as teorias, diz ela, tentam escapar do fato de que o

---

<sup>9</sup> IOE, p. 74

<sup>10</sup> Idem, 78-79

homem é responsável pela construção de seu conhecimento e de que necessita ter a existência como absoluto.

A objetividade do conhecimento começa, segundo Ayn Rand, com a compreensão de que o homem – incluindo sua consciência – é uma entidade de uma natureza específica e que, de acordo com a lei da identidade, deve agir de acordo com essa natureza.

### 1.3. A proposta

O conceito de *Identidade* pode ser colocado como aquilo que define o que algo é e que não pode ser de outra forma nem substituído por outro algo que não ele mesmo. Se a identidade muda, muda aquilo que era o ser. Aristóteles (384-322 a.C) definiu de maneira mais formal dizendo que “a identidade é uma unidade no *ser*, de duas ou mais coisas, ou de uma coisa tratada como mais de uma”.<sup>11</sup> Neste sentido a identidade não é algo estabelecido por convenção ou que pode ser alterado ou substituído em sua essência. Identidade é necessidade.

Este conceito será tratado aqui na ordem do conhecimento, mais especificamente em como podemos estabelecer uma relação entre entidades e identidades para, então, formarmos conceitos que nos levarão à construção de nosso saber e à formação de nossa inteligência conceitual. Para Ayn Rand, a consequência desta relação entre entidade e identidade é o conceito de causalidade que é a forma como se apresenta a ação das entidades que agem de acordo com suas identidades.<sup>12</sup>

Com base nestas relações acima descritas – entre entidade-identidade-causalidade -, pode-se colocar três questões: [i] o que faz com que aquilo que é seja o que é (e não outra coisa)? [ii] o que faz com que aquilo que é aja de certa maneira (e

---

<sup>11</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2006, Livro V, 6-10.

<sup>12</sup> Importante colocar a diferença entre *entidade* e *concreto* para Ayn Rand: entidade diferencia objetos de seus atributos enquanto concreto diferencia entidades de abstrações. A relação que ela quer restabelecer é entre entidade (e todos seus atributos) e identidade.

não de outra)? [iii] como acessamos ou conhecemos aquilo que faz com que uma coisa seja o que é e a faz agir de certa maneira (sua identidade)?

A proposta aqui apresentada é como a filósofa faz a ligação, segundo ela, perdida, entre entidade-identidade-causalidade e, nesta re-ligação, como ela responde às três perguntas acima. A base de sua teoria epistemológica está em seu livro principal, *Introduction to Objectivist Epistemology* editado em 1966. Para essa proposta de re-ligação faremos como Aristóteles, que dizia que com os sentidos e a razão podemos compreender o mundo e afirmar o conhecimento das coisas.

Por que é importante essa proposta? A epistemologia moderna e contemporânea enfraqueceu a relação entidade-identidade e, conseqüentemente, a causalidade ficou também enfraquecida como modo de conhecimento, muitas vezes desvinculando causa e atributos das entidades. Assim a questão do conhecimento ficou à mercê do relativismo cognitivo e novas formas de conceitos emergiram. Entre eles, a dicotomia analítico/sintético e o *a priori* e o *a posteriori*. Veremos mais adiante que ambas as opções ou eliminam ou enfraquecem a experiência ou eliminam ou enfraquecem a consciência, o que, para Ayn Rand, é um atentado ao conhecimento humano, pois existência e consciência se relacionam para ser possível qualquer conhecimento.

A separação entidade-identidade-causalidade não é inócua, pois adentra outras áreas do conhecimento e acaba por influenciar os processos e métodos epistemológicos, tanto em suas teorias quanto em suas práticas. E se aceitarmos teorias que enfraquecem a existência, podemos ter conflitos entre o verdadeiro para nós *versus* o verdadeiro de fato; e se aceitarmos teorias que enfraquecem a consciência, podemos ter conflitos entre observação e imaginação. Em ambos os casos o resultado é que o conhecimento se dá não por nossa responsabilidade cognitiva, pois um dos lados da relação existência-consciência está enfraquecido o que faz com o resultado, de alguma forma, seja arbitrário. Porém, como afirma Ayn Rand, o homem tem que adquirir conhecimento por seu próprio esforço e como, por natureza, não nos é dada garantia de eficácia e certeza, e como somos capazes de errar ou nos evadir ou distorcer, precisamos de um método de cognição, o qual temos que descobrir e

desenvolver em nós. Esse desenvolvimento chamo aqui de *Inteligência Conceitual*. Os conceitos são nossas ferramentas de cognição. Desenvolver nossa inteligência conceitual é nada mais do que desenvolver nossa base humana de cognição e relação com o mundo. O objetivo com esse trabalho é, através da epistemologia objetivista de Ayn Rand, afirmar o conhecimento humano e a relação existência-consciência (e nesta ordem) como a base da descoberta da identidade nas entidades do mundo.

Contra o relativismo epistemológico e contra a corrente que diz que nossa consciência interfere na forma de agir das entidades de acordo com nossa vontade, desejo ou capricho, esse trabalho pretende, de forma prioritária, mostrar como Ayn Rand afirma que cada entidade tem sua natureza de acordo com sua identidade e ela é específica, não contraditória, limitada e por isso tem certos atributos e não outros e, conseqüentemente, tal entidade *deve* agir de acordo com sua natureza e jamais contra ela ou à parte dela.

Como base de sua epistemologia, Ayn Rand utiliza conceitos aristotélicos fazendo uma releitura de alguns deles para construir os fundamentos de sua própria teoria epistemológica. Para a autora o filósofo grego foi o que chegou mais perto de validar o conhecimento humano, valorizar a razão na busca do conhecimento e colocar a responsabilidade cognitiva no próprio homem, i.é., sem alternativas exteriores para o conhecer. Também foi o que afirmou a lógica como um método cognitivo e a associou fortemente com o princípio de não-contradição, sendo esse a base para todo conhecimento.

Portanto, pelas razões citadas anteriormente, a lei da identidade torna-se um aspecto relevante tanto para a esfera da filosofia acadêmica, no sentido de trazer novamente à tona a discussão de uma epistemologia que prima pelo conhecimento objetivo das entidades e, portanto, para a validação do conhecimento humano, quanto nas esferas educacionais onde uma inteligência conceitual pode ser desenvolvida na prática através da epistemologia objetivista.

Vamos começar nossa investigação sobre o tema adentrando os conceitos principais e basilares da epistemologia de Ayn Rand e depois entendendo a releitura que ela faz dos conceitos aristotélicos em sua epistemologia.

## II. CONCEITOS AXIOMÁTICOS: EXISTÊNCIA, IDENTIDADE E CONSCIÊNCIA EM AYN RAND

Antes de entrarmos no estudo da releitura de Ayn Rand dos conceitos aristotélicos, é importante darmos uma passada nos conceitos basilares de sua epistemologia.

A base de sua teoria epistemológica de formação de conceitos está amparada por três conceitos axiomáticos: existência, consciência e identidade. Nas próprias palavras de Ayn Rand, “an axiomatic concept is the identification of a primary fact of reality, which cannot be analyzed, i.e., reduced to other facts or broken into component parts”.<sup>13</sup>

Para a filósofa, esses três conceitos axiomáticos estão implícitos em todos os fatos e em todo conhecimento. Eles não requerem prova ou explicação, mas são tais que toda prova e explicações estão fundadas neles.

Eles são primários irreduzíveis e qualquer tentativa de prova deles é uma auto-contradição. Importante salientar que, para a autora, esses são conceitos fundamentais e a base de todo o conhecimento. A peculiaridade deles, continua Ayn Rand, é que são percebidos ou experienciados diretamente, mas elaborados conceitualmente. Eles estão presentes implicitamente em todos os estados de consciência.<sup>14</sup> Escreve Ayn Rand: “Existence and identity are *not attributes* of existents, they *are* the existents”.<sup>15</sup> As *entidades* são a unidade dos conceitos de *existência* e *identidade*, assim como seus atributos, ações, eventos ou fenômenos que existem, existiram ou existirão. Neste sentido, os conceitos axiomáticos não têm contrários nem alternativas, pois são o fundamento de toda realidade e conhecimento. Para aqueles que diriam que *existência* pode ser diferenciada de não-existência, ela escreve: “(...) but, non-existence is not a fact, it is the *absence* of a fact, it is a derivative concept pertaining to a relationship, i.e., a concept which can be formed or grasped only in

---

<sup>13</sup> IOE, p. 55.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 55.

<sup>15</sup> Idem, p. 56.

relation to some existent that has ceased to exist.”<sup>16</sup> Quando, por exemplo, dizemos que não temos nada no bolso, este *nada* refere-se ao fato de coisas que poderiam estar no bolso, como moedas, carteira, chaves. Apenas em relação a esses existentes, “nada” tem sentido. Do mesmo modo, ela refuta a ideia de que existência e não-existência são fatos metafísicos de igual poder ou valor. Em relação ao existente mesa, por exemplo, a não-mesa seria qualquer outro existente que não fosse mesa, mas não um existente não-mesa. O mesmo acontece com o existente homem. O não-homem seria qualquer outro existente que não fosse homem. Não há alternativas para a existência.

O conceito *existência* não indica quais existentes ele inclui, apenas indica que algo *existe*. Assim como o conceito *identidade* não indica a natureza particular dos existentes que ele inclui, apenas indica o fato de que *eles são o que eles são*. Esta é a primeira função dos conceitos axiomáticos: indicar os fatos primários para o conhecimento.

Para Ayn Rand, consciência é a faculdade de perceber aquilo que existe. Sua função epistemológica está em fazer a ponte entre existência e identidade. Porém, não é uma faculdade passiva, mas um processo ativo que tem como origem o mundo externo. Diz a filósofa: “It is only in relation to the external world that the various actions of a consciousness can be experienced, grasped, define or communicated. Awareness is awareness of something”<sup>17</sup>. Consciência, como um conceito axiomático, é uma faculdade específica que tem uma natureza ou identidade específica e, portanto, é limitada no sentido de não poder perceber todas as coisas de uma única vez. A quantidade de coisas que um ser humano pode perceber em um dado momento é limitada e por isso é que desenvolve uma inteligência conceitual e tem a habilidade de reduzir uma grande quantidade de informações em um número mínimo de unidades: os conceitos. Na construção do conhecimento (conceitual), a consciência tem um papel fundamental na relação entre existência/entidade e identidade.

Na construção do conhecimento, o conceito axiomático identidade cumpre a função de perceber que uma entidade age de certa maneira e assim distinguir

---

<sup>16</sup> IOE, p. 58.

<sup>17</sup> Idem, p. 29

entidades em grupos através de suas relações de similaridades e diferenças em suas ações, atributos, propriedades. Ainda não está explícito aqui quais são esses atributos, ações e relações, mas já serve de base para o entendimento implícito de que algumas coisas agem de certa forma em vez de outra.

Como corolário da *identidade*, segue-se a *Lei da Causalidade*. Escreve Ayn Rand: “Entities follow certain laws of action in consequence of their identity, and have no alternative to doing so”.<sup>18</sup> Toda ação de uma entidade está relacionada com sua natureza/identidade e nenhuma outra ação que não esteja relacionada com ela é possível. Uma ação sem causa, por puro acaso não é possível. Quando se aceita, ao contrário, que uma causa pode não estar relacionada com a identidade de uma entidade, aceita-se também que a existência não tem primazia nem ontológica, nem lógica, nem epistemológica.

Para Ayn Rand, quando se coloca em dúvida os conceitos axiomáticos, duas questões surgem: [i] por que há alguma coisa e não nada?; [ii] por que algo que existe é o que é e não algo diferente? Ambas as perguntas, diz ela, geram confusão, ceticismo, relativismo e enfraquecimento do aparato conceitual, racional e epistemológico do homem. Na verdade, afirma a autora, essa é uma falsa questão que levanta um falso dilema, pois não há contraposição entre esses axiomas. Rejeitar os conceitos axiomáticos, colocá-los em confronto ou tentar separá-los é o que muitos autores da filosofia vêm tentando fazer e suas teorias epistemológicas acabam ou por rejeitar a identidade ou a existência ou separar causa de existentes. São todas alternativas que Ayn Rand não aceita em sua epistemologia.

Para a filósofa russa, as grandes teorias do conhecimento até agora, de uma forma ou de outra, acabam por negar a validade destes conceitos e, mais frequentemente, o da *identidade*. Por isso, para ela, é urgente a retomada do conceito de *identidade* e todos seus corolários como essência, princípio da não-contradição e sua base na *existência* para uma epistemologia que aceite os sentidos, a razão e o conhecimento através da formação de conceitos.

Vamos ver agora de onde ela tirou as bases de sua epistemologia.

---

<sup>18</sup> IOE, p. 109.

### III. AYN RAND E OS CONCEITOS ARISTOTÉLICOS EM SUA EPISTEMOLOGIA

Importante começar este tópico colocando a diferença mais fundamental entre Ayn Rand e Aristóteles: tudo o que o filósofo grego considerava como metafísico, em sua epistemologia, a filósofa russa considera como epistemológico. Todas as entidades e seus atributos como ações, reações e relações, para a filósofa Ayn Rand, não têm primazia metafísica, mas apresentam aspectos tão somente das entidades reais. Aristóteles considerava a *essência* (enquanto *identidade*, i.é., como *causa* do ser) como intrínseca ao objeto e somente através da intuição poder-se-ia alcançar tal conhecimento. Este é o lado platônico de Aristóteles, segundo Ayn Rand, o qual ela rejeita em sua epistemologia<sup>19</sup>. Mas, apesar disso, segundo ela, o filósofo grego foi o que chegou mais perto de uma epistemologia objetivista e que valorizasse o conhecimento humano.

#### Segundo Aristóteles na Metafísica:

(...) [Platão] concebeu que o problema de definição não diz respeito a qualquer coisa sensível, mas a entidades de outro tipo, isto porque é impossível haver definição geral de coisas sensíveis que estão em contínua mutação. Chamou essas entidades de *Ideias* [formas] e sustentou que todas as coisas sensíveis são nomeadas segundo elas e em função de sua relação com elas, uma vez que a pluralidade das coisas que têm o mesmo nome que as formas existem por participação nelas.<sup>20</sup>

Neste sentido o verdadeiro conhecimento (a *ciência* e não a *doxa*) não está no plano empírico e sim no plano das *Ideias* ou *Formas*, que é suprarreal/supranatural. O

---

<sup>19</sup> Aristóteles foi discípulo da academia de Platão por vinte anos, iniciando seus estudos especulativos aos dezessete. O seu mestre Platão, em sua bagagem de estudos, trazia os ensinamentos de Pitágoras, o “místico”, e por mais que Aristóteles tenha enfatizado a observação e análise da natureza em estudos de cunho biológico, foi certamente influenciado pelas noções de seu mestre. Após o tempo na academia de Platão, Aristóteles se distanciou dela e começou o caminho que o levaria à originalidade de seu pensamento. Em sua *metafísica* ele refutaria a teoria das formas de Platão.

<sup>20</sup> ARISTÓTELES, *Metafísica*. Livro I, 6, 39-10.

mundo empírico seria apenas uma cópia do mundo real e verdadeiro onde se encontra o conhecimento.

Refutando essa ideia de *matriz* inteligível para as coisas sensíveis e, conseqüentemente, estabelecendo que o conhecimento se dá pelas coisas sensíveis, com o que Ayn Rand concorda, Aristóteles escreve:

Dizer que as formas são modelos e que outras coisas delas participam é empregar frases ocas e metáforas poéticas, pois o que é que confecciona coisas no molde das Ideias? Além disso, qualquer coisa pode ser ou tornar-se semelhante a alguma outra coisa sem ser desta uma cópia. Assim um indivíduo pode tornar-se semelhante a Sócrates independentemente de Sócrates existir ou não. (...) Igualmente haverá vários modelos e, por conseguinte, formas da mesma coisa; por exemplo, *animal* e *bípede* serão modelos de *ser humano*. Adicionalmente, as formas serão modelos não só de coisas sensíveis como também de si mesmas de sorte que a mesma coisa será tanto modelo quanto cópia.<sup>21</sup>

Essa matriz ou modelo seria independente do empírico e guardaria as coisas-em-si, essas sendo as verdadeiras fontes do conhecimento. Não teríamos, então, acesso às coisas-em-si quando em contato com o mundo sensível e este seria apenas um mundo “das sombras”, da imitação, da *doxa* (*opinião*, em contraste com a *ciência*, a *episteme*). Apenas quando conseguíssemos acesso às coisas-em-si, no mundo inteligível da abstração, estaríamos em contato com o conhecimento, pois é nas *Ideias* que a identidade das coisas se dá e não no mundo empírico.

A base da teoria das Formas, segundo Aristóteles, está em Heráclito, que afirmava que todas as coisas sensíveis estavam sempre em um fluxo constante e que isso impediria de haver conhecimento, sendo então que para haver qualquer tipo de ciência esta deveria estar fundamentada sobre a existência de outras coisas,

---

<sup>21</sup> ARISTÓTELES, *Metafísica*. Livro I, 9, 21-32.

independente das sensíveis e que seriam permanentes.<sup>22</sup> Platão colocou o nome de *Ideias* a essas Formas universais. Mas, Aristóteles refuta essa teoria afirmando que elas não acrescentam nada para o conhecimento de outras coisas e nem para sua existência. Predispor o conhecimento a Formas ou Ideias suprassensíveis é, para Aristóteles, um absurdo sem validade nenhuma para o conhecimento.

Nas palavras de Ayn Rand, reiterando a objetividade do conhecimento

Objectivism [and your epistemology] holds that the essence of a concept is that fundamental characteristic(s) of its units on which the greatest number of other characteristics depend, and which distinguishes units from all other existents within the field of man's knowledge. Thus the essence of a concept is determined *contextually* and may be altered with the growth of man's knowledge.<sup>23</sup>

Neste sentido, as características essenciais de sua identidade são factuais, e não uma essência separada da entidade (Platão) ou mesmo intrínseca a ela porém apenas acessada por uma intuição (Aristóteles). Para Ayn Rand, a essência ou natureza das entidades estão intrínsecas a elas, porém são possíveis de serem acessadas pela razão, a razão que usa a lógica como método de identificação não-contraditória da realidade. A questão epistemológica se dá pelo fato de que a construção do conhecimento da *essência* de uma entidade se dá pelo mecanismo do método de cognição humana que classifica, condensa e integra, pela razão, os dados vindos pelos sentidos.

### 3.1 Essência

Dentro dos conceitos aristotélicos que Ayn Rand utiliza em sua filosofia, a questão da *essência* é também lembrada, mas com algumas diferenças. No livro VII da

---

<sup>22</sup> Idem, Livro XIII, 4, 13-15.

<sup>23</sup> IOE, p. 52.

Metafísica, Aristóteles diz que “De fato, só há conhecimento de uma coisa quando conhecemos sua *ousia*”.<sup>24</sup> Este termo tem duas acepções em Aristóteles: *substância* e *essência*. A primeira é usada no sentido de entidade auto-subsistente como quando afirma os indivíduos como substâncias primeiras, por exemplo, “este cavalo é uma *substância*” ou “Sócrates é uma *substância*”. A segunda é usada quando remete à noção de essência de algo “entendida como causa pela qual se determina que algo tem as propriedades relevantes que fazem dele o que ele é”<sup>25</sup>, por exemplo “a alma é a *essência* do animal”<sup>26</sup>. É este último sentido que interessa à epistemologia de Ayn Rand. Porém, para Aristóteles a essência era algo além da física, além do sensível e acessada somente através da intuição. E é neste ponto que a filósofa difere do filósofo grego. Aristóteles se perguntava pela *ousia* da *ousia*, i.é., pela *essência* da *substância*. Ele aceitava a substância como empírica e material mas pensava que havia ainda uma essência metafísica por traz dessa substância. Essa convicção do filósofo grego que Ayn Rand diz que é a parte platônica de sua teoria. O que Aristóteles tratava como essência metafísica ou intuição sobre essa essência, Ayn Rand trata como questão objetiva epistemológica e rejeita qualquer traço supranatural ou de intrinsecalismo das ideias de Aristóteles.

Essa definição de essência em Aristóteles, aquilo que é a causa do ser, pode ser representada pelo termo *quidade*: aquilo que o ser é de forma necessária, i.é., sua *identidade*. Neste sentido, Ayn Rand diz que a essência aristotélica é a natureza da identidade que torna uma entidade algo particular. Conhecer seu particular é conhecer sua natureza, sua identidade, sua forma de agir e sua causalidade. A entidade e sua identidade são uma coisa só: *ser é identidade*. Uma identidade apartada de seu ser, ou em outro âmbito que não o particular e a entidade empírica, é uma abstração sem conteúdo, uma formalização que em nada adiciona ao conhecimento de sua entidade e de sua causalidade.

---

<sup>24</sup> ARISTÓTELES, *Metafísica*. Livro VII, 6, 6-7.

<sup>25</sup> ANGIONI, Lucas. *As noções aristotélicas de substância e essência*. Campinas: UNICAMP, 2008, p.14

<sup>26</sup> Capítulo 8 do Livro V da *Metafísica*: “aquilo que, estando presente em tais coisas, que não são predicadas de um sujeito, é a causa de seu ser, como por exemplo, no animal a alma, é a causa de seu ser”.

Em Analíticos Posteriores, Aristóteles afirma que “(...) nossa capacidade de descobrir o que é uma coisa depende de nossa ciência de que ela é”.<sup>27</sup> Este último é a *quididade*, aquilo que define o que ser é, e a descoberta de sua *quididade* é o desvelamento de sua *identidade*. Portanto, a “ciência de que ela é” nos dará a capacidade de entender aquilo que é. É nesta forma que Ayn Rand define a identidade em sua epistemologia e a construção do conhecimento se dá sobre a realidade da entidade e sua identidade, a qual existe como primazia e pode ser acessada.

Portanto, o termo *essência* que denota *necessidade* e causa do ser em Aristóteles é, neste sentido, usado por Ayn Rand em sua epistemologia, porém sem os traços metafísicos.

### 3.2 Causalidade

A *causalidade* é um conceito aristotélico importante resgatado pela filósofa russa em sua epistemologia. Na *Física*, Aristóteles dá algumas definições de *causa* e a que nos interessa aqui e que corrobora a epistemologia de Ayn Rand é “denomina-se ‘causa’ a forma e o modelo, e isso é a definição do ‘aquilo que o ser é’ e seus gêneros”.<sup>28</sup> Neste sentido, a causalidade é um corolário da lei da identidade. Ela, para Aristóteles, é uma lei inerente ao ser enquanto ser, pois ser é ser algo e ser algo é *agir* em consonância com que se é. A causalidade, que para Hume era um hábito mental, para Aristóteles estava na ação das entidades. A ação delas exprime sua identidade. Se virmos, por exemplo, uma mesa flutuando, procuramos imediatamente por algo que a esteja fazendo flutuar, pois sabemos (implicitamente) que a mesa não flutua por si mesma. Por quê? Porque pela sua identidade (atributos e relações dela com o meio) ela *deve* ficar no chão e não pode agir de outra forma a não ser que algo fora dela esteja forçando-a a estar no ar. Pode ser que de muitas coisas no mundo e no universo não saibamos ou não descobrimos seus atributos e identidade, mas todas elas *devem* agir conforme sua essência. Em *Segundos Analíticos*, Aristóteles diz que “julgamos

---

<sup>27</sup> ARISTÓTELES, *Órganon*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2005, Analíticos Posteriores, Livro II, VII, 31-32.

<sup>28</sup> ARISTÓTELES, *Física I-II*. Trad. Lucas Angioni. Campinas: UNICAMP, 2009, Capítulo 3, 194b23.

conhecer cientificamente uma coisa qualquer, sem mais, quando julgamos reconhecer, a respeito da causa pela qual a coisa é, que ela é causa disso, e que não é possível ser de outro modo”. Conhecer a causalidade é conhecer o porquê que explica a necessidade de a coisa ser o caso do modo como ela é.<sup>29</sup>

A causalidade, então, é uma consequência da relação entidade-identidade, está no mesmo plano epistemológico e não pode ser considerada à parte ou desvinculada desse binômio.

Contra a ideia de que a causalidade não está associada com a necessidade da identidade (como em Hume e Kant), Ayn Rand refaz essa relação afirmando que a “lei da causalidade é a lei da identidade aplicada à ação.”<sup>30</sup> *Ação*, diz a filósofa, é o nome para aquilo que as entidades fazem. ‘Caminhar’ não tem existência à parte da entidade que caminha. Neste sentido, a lei da causalidade afirma que entidades são causas de ações e essas ações são expressão de suas identidades. Entidade + identidade + ação = causalidade. Uma entidade de certo tipo age de certa maneira. Chocalho faz barulho, bola rola, balão sobe.

Assim, sob circunstâncias normais, se uma criança larga um balão cheio de gás hélio, somente um resultado é possível: o balão vai subir. Se ela larga um segundo balão, cheio de areia, a natureza da entidade é diferente e sua ação também; o único resultado possível agora é o balão cair. Se, sob as mesmas circunstâncias, várias ações fossem possíveis – por exemplo, um balão subir *ou* cair (...), tudo o mais permanecendo igual -, tais resultados incompatíveis teriam de ser derivados de aspectos incompatíveis (contraditórios) da natureza da entidade. Mas aspectos contraditórios não existem. A é A.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> ARISTÓTELES, *Física I-II*, p. 256.

<sup>30</sup> PEIKOFF, Leonard. *Objetivismo: a filosofia de Ayn Rand*. Trad. Beatriz Viégas Faria. Porto Alegre: Ateneu Objetivista, 2000, p. 29 (a partir de agora, usarei OFAR como abreviatura para me referir a essa obra).

<sup>31</sup> OFAR, p.29.

A identificação de algo é a identificação de sua forma de agir e de sua identidade (mesmo que seja uma identificação implícita<sup>32</sup>) que a diferencia de todas as outras entidades, e a incapacidade de identificar algo e sua forma de agir é chegar a um erro no pensamento, portanto a uma contradição, pois a contradição é a negação de uma identidade.

### 3.3 Não-contradição

Para corroborar a lei da Identidade em sua epistemologia, ela também adiciona o princípio aristotélico da *não-contradição*, segundo o qual “(...) é impossível para o mesmo atributo ao mesmo tempo pertencer e não pertencer à mesma coisa e na mesma relação”.<sup>33</sup> Isso define que é impossível que alguma coisa seja e não seja ao mesmo tempo.

A contradição adverte que uma das partes é verdadeira e a outra necessariamente falsa. Ambas as partes (ou proposições como coloca Aristóteles em *Da Interpretação*) não podem ser verdadeiras ou falsas ao mesmo tempo sobre o mesmo atributo. Esse princípio, para o filósofo, é o ponto de partida de todos os outros axiomas.<sup>34</sup> O princípio de não-contradição traz implícito o conceito de *necessidade* que é base constituinte da identidade. *Necessidade* definida por Aristóteles é “aquilo que não é possível ser de outra maneira”.<sup>35</sup>

E se é assim necessariamente, é impossível que ao mesmo tempo a mesma coisa [homem] não deva ser *animal bípede*, pois ser assim necessariamente

---

<sup>32</sup> Identificação *implícita* é aquela que não está elaborada como uma definição ou conceito e portanto não é consciente, mas que está presente no processo de construção do conhecimento. Nas palavras de Ayn Rand: “The “implicit” is that which is available to your consciousness but which you have not conceptualized”. *IOE*, p. 159.

<sup>33</sup> ARISTÓTELES, *Metafísica*. Livro IV, 3, 17-20.

<sup>34</sup> Idem, Livro IV, 3, 34-35.

<sup>35</sup> ARISTÓTELES, *Metafísica*, Livro V, 5, 34.

significa isto: que é impossível não ser assim. Portanto, não pode ser verdadeiro dizer simultaneamente que a mesma coisa é e não é homem.<sup>36</sup>

A fórmula para esse princípio pode ser expressa como  $A=A$  ou  $A$  é  $A$ . Se, no exemplo acima de Aristóteles, pudéssemos afirmar que homem é homem e não é homem ao mesmo tempo então fica claro que aquilo que se diz homem não é homem e nem não homem. Essa fórmula tautológica (que diz ou mostra aquilo que se disse ou se mostrou no início ou afirma aquilo que afirmou antes ou, na lógica, quando se afirma no predicado aquilo que está compreendido no sujeito) é a identificação da necessidade de que aquilo que é, seja o que é. Aristóteles tenta fugir do relativismo cognitivo ou ceticismo da teoria de Protágoras que afirmava que “o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são enquanto são e das coisas que não são enquanto não são”:

E se todos estão igualmente certos e errados, um adepto desta opinião [teoria de Protágoras] estará incapacitado tanto de discursar quanto significar qualquer coisa, uma vez que ao mesmo tempo diz tanto *sim* quanto *não*. E se ele não constrói nenhum juízo, mas *pensa* e *não pensa* indiferentemente, que diferença haverá entre ele e as plantas?<sup>37</sup>

O erro fundamental que invalida qualquer processo de pensamento é o de sustentar que uma coisa é  $A$  e não- $A$  ao mesmo tempo sob o mesmo aspecto: uma contradição. Uma contradição é a negação de uma identidade, portanto da realidade. Para declarar guerra à realidade, o que o homem precisa fazer é negar a lei da identidade e seu corolário, o princípio da não-contradição.

O ceticismo invalida qualquer tipo de conhecimento e o relativismo cognitivo leva o ser humano a pensar que nada pode ser conhecido ou que qualquer conhecimento é incerto e, portanto, inválido. O fato das coisas físicas serem mutáveis

---

<sup>36</sup> Idem, Livro IV, 4, 29-34.

<sup>37</sup> Idem, Livro IV, 4, 7-12.

em seus atributos não contradiz sua natureza, essência ou identidade, e a confusão está em fazer uma relação direta entre a mutabilidade e o relativismo, fazendo das coisas apenas contingentes e acabando com a necessidade inerente à sua identidade. Por isso, Aristóteles afirma,

Entretanto, todas essas teorias destroem a possibilidade da existência necessária de qualquer coisa, na medida em que destroem a existência de sua essência, pois o *necessário* não pode ser de um modo e de um outro. Por conseguinte, se qualquer coisa existe, necessariamente não pode ser *tanto assim quanto não-assim*.<sup>38</sup>

Neste sentido, a grande questão a ser defendida na epistemologia, segundo Aristóteles, e levada para a epistemologia de Ayn Rand, é o princípio da não-contradição, pois ela guarda em si a base do conceito de *necessidade* que é própria da identidade. Querer que um A seja não-A não é apenas uma contradição lógica, mas uma refutação da própria realidade e das coisas como são, pois as entidades têm sua *quiddidade* e devem agir de forma a preservar e confirmar essa identidade, jamais de outra forma ou contra ela.

### 3.4 Lógica

Um aspecto importante do princípio da não-contradição, tanto para Aristóteles como para Ayn Rand, é a *lógica*. Para a filósofa russa, a lógica é considerada como a identificação não-contraditória da realidade. Essa identificação não-contraditória da realidade é a integração entre lógica e fato, pois criar uma brecha entre esses dois é separar consciência de existência, em outras palavras, criar verdades lógicas em separado de verdades factuais. O resultado dessa dicotomia, diz Ayn Rand “is that logic is divorced from reality (“logical truths are empty and conventional”)- and reality

---

<sup>38</sup> ARISTÓTELES, *Metafísica*, Livro IV, 5, 25-30.

becomes unknowable (“Factual truths are contingent and uncertain”)<sup>39</sup>. Essa separação afirma que o homem não tem um método de cognição e não tem maneira de alcançar o conhecimento. De uma vez, coloca em xeque tanto a capacidade cognitiva humana quanto a dúvida da própria realidade, pois identidade está desvinculada dos fatos. Para Ayn Rand, a verdade é tautológica, é o produto do reconhecimento dos fatos da realidade, e toda falsidade é uma auto-contradição. Lógica não é um recurso apenas do pensamento e com realidade separada da realidade empírica. É uma relação direta com a realidade empírica, com o conhecimento e com a metafísica. Lógica não é apenas um recurso para pensar questões metafísicas, mas um recurso para lidar e conhecer a realidade.

Quando afirmamos qualquer coisa sobre um existente, uma entidade, há apenas duas alternativas, segundo os conceitos aristotélicos: X é o que ele é ou X não é o que ele é. Se alguma coisa existe, e se há alguma coisa, então essa alguma coisa é e o conhecimento de sua identidade faz com que construamos o conhecimento da natureza ou essência dessa coisa e da forma como age. A realidade existe e o conhecimento sobre ela é possível e a causalidade é produto dessa identidade a qual tentamos acessar pela razão. Portanto, existência é identidade e seu corolário é a causalidade. A base do conhecimento das coisas repousa no princípio de não-contradição que afirma a necessidade do *ser* ser como *é*. Todas estão no mesmo plano epistemológico e não separadas por mundos diferentes ou incompatíveis entre si e a lógica.

Para a autora, a separação entre lógica e realidade é mais um capítulo na saga contra a realidade e o conhecimento. Ela diz que alguns filósofos afirmam o papel da lógica na aquisição do conhecimento humano, mas minimizam o papel da experiência neste processo. Já outros reivindicam que a experiência é a fonte do conhecimento humano, mas minimizam o papel da lógica. Para ela, a separação entre lógica e experiência está institucionalizada na teoria da dicotomia analítico-sintético. Segundo esta teoria, declarações/afirmações analíticas são independentes da experiência. São ‘proposições lógicas’. E declarações/afirmações sintéticas são destituídas de necessidade lógica. São ‘proposições empíricas’.

---

<sup>39</sup> IOE, p. 113.

Any theory that propounds an opposition between the logical and the empirical, represents a failure to grasp the nature of logic and its role in human cognition. Man's knowledge is not acquired by logic apart from experience or by experience apart from logic, but *by the application of logic to experience*. All truths are the product of a logical identification of the facts of experience.<sup>40</sup>

Portanto, o princípio que está na base do método apropriado para guiar o ser humano no processo de conceitualização dos dados vindo do exterior para assim atingir um nível de cognição humana distintiva é um princípio metafísico: a Lei da Identidade. Para tanto, o método para identificar os fatos que o homem observa, em uma forma não-contraditória, é a lógica. Diz Ayn Rand: “only when a conclusion is based on a noncontradictory identification and integration of all the evidence available at a given time, can it qualify as knowledge”.<sup>41</sup>

O fracasso em reconhecer que a lógica é o método humano de cognição tem produzido muitas formas de separações artificiais: verdades lógicas *versus* verdades factuais; logicamente possível *versus* empiricamente possível; *a priori versus a posteriori*. É o uso da lógica que capacita o homem a determinar o que é e o que não é um fato. Não há distinção entre “logicamente” e “empiricamente” possível (ou impossível). Todas as verdades são produto da identificação lógica dos fatos da experiência. Sem a referência aos fatos da experiência, o homem não tem base para suas proposições lógicas, que viram meros produtos arbitrários de sua própria invenção.

É importante observar que o processo [lógico] deve estar fundamentado em fatos observados. Chegar a uma conclusão a partir de premissas arbitrárias, que representam caprichos subjetivos, não é um processo de lógica. Se eu declaro: “Maçãs são lâminas de barbear e laranjas são sabão de barba;

---

<sup>40</sup>IOE, p. 112.

<sup>41</sup>Idem, p.113.

portanto as pessoas podem se barbear com uma salada de frutas”, esse não é de modo algum um processo de cognição; é mera imitação da forma lógica, deixando de lado sua essência.<sup>42</sup>

Se o homem conhecesse tudo sobre a realidade em um único *insight*, a lógica seria desnecessária. Mas como o ser humano é um ser volitivo, falível e precisa integrar os dados vindos da realidade para formar conceitos e conhecimento, abandonar a lógica ou colocá-la em um lugar secundário ou fora do âmbito da relação com a realidade, é negar o método humano característico de cognição.

Para Ayn Rand, não há sentido em negar a entidade em favor de uma causa “mística” nem em negar a identidade em favor de uma causa apenas lógica.

---

<sup>42</sup> OFAR, p.121.

#### IV. IDENTIDADE EM AYN RAND

Como Ayn Rand resolve a questão da fundamentação do conceito de *identidade*? Colocando-o como axioma. *Identidade*, em sua epistemologia, é um conceito axiomático.<sup>43</sup> Porém, ele é um conceito vinculado a outro conceito axiomático, o da *existência*. Como já foi colocado aqui, *existência é identidade*. *Existência* diferencia uma coisa do nada, da ausência dessa coisa. Porém, a perspectiva não é 'isto é *versus* isto não é', mas sim 'isto é isto *versus* isto é aquilo'. O conceito de *identidade* está contido no da *existência* (e vice-versa) e são inseparáveis.<sup>44</sup> Se o fato é, ele é o que é. Tal fato *tem* de ser, nenhuma outra alternativa é possível. Fatos raros são possíveis (uma mulher dar a luz a quintuplos), milagres, não (uma mulher dar a luz a um golfinho). Ele é requerido necessariamente pela *identidade* da *existência*. E essa natureza, essência ou *identidade* não são explicáveis ou têm que ser provadas, mas são a causa e fundamento de toda explicação, inclusive do conhecimento. A base, então, da lei da *identidade* é o axioma da *existência* e sua fórmula: *a existência existe*. Essa fórmula é maior do que apenas o conceito de mundo exterior. Inclui todas as coisas como nossos estados e processos mentais, ideias e sentimentos. E em tudo está contida a *identidade*.

As coisas são o que são e possuem uma natureza específica, i.é., uma *identidade*. Para conhecer as coisas do mundo o homem deve olhar para fora e levar adiante uma empreitada intelectual para des-cobrir a natureza das coisas. Dos elementos mais básicos constituintes do átomo ou partículas subatômicas ou de alguma forma de energia ainda não descoberta, o fato é que, o universo como um todo, é governado pela *lei da identidade*. Este é um princípio metafísico: as coisas não são geradas ou criadas a partir de alguma consciência, desejo, vontade ou energia além ou independente da *lei da identidade*.

---

<sup>43</sup> Cf. p.16.

<sup>44</sup> Não há prioridade ontológica entre ambos, apenas lógica no sentido de que a existência de um, necessariamente, pede a existência do outro.

All the countless forms, motions, combinations and dissolutions of elements within the universe – from a floating speck of dust to the formation of a galaxy to the emergence of life – are caused and determined by the identities of the elements involved.<sup>45</sup>

A identidade é a pré-condição da consciência e é a partir dessa base que a epistemologia deve se desenvolver, segundo a autora.

Levando em conta os conceitos até aqui estudados, no processo do conhecimento há um objeto da cognição - o que eu sei? - e os meios de cognição - como eu sei isso? Para Ayn Rand, assim como para Aristóteles, esse objeto é sempre um objeto da realidade. E ela não vê sentido em colocar em conflito esses dois campos – o que eu sei *versus* como eu sei isso – muito menos usar um para negar o outro. Uma nova cognição que se integra sem contradições ao conhecimento prévio constrói um conhecimento mais complexo e assim passa de simples dados para abstrações mais elevadas, mas todas integradas entre si e tendo a existência e identidade como bases. Diz Ayn Rand que “All knowledge consists of learning more and more about the nature – the properties and characteristics – of given objects”.<sup>46</sup> O que é o conhecimento se não estudo e observação? É a descoberta de propriedades que englobam a identidade das entidades. Esse processo define-se aqui como *Inteligência Conceitual*.

“So first you see only water – just that. Then you observe that it boils at a certain point. Your knowledge is advanced. You know more about water than you did when you only observed in a lake. Then you discover such a thing as molecules, then you discover the molecular structure of water. Your knowledge about what water is is still greater. Now you observe what happens to those molecules when you apply a certain amount of energy. Your knowledge is still greater. If it isn’t, what do you mean by knowledge?”<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> RAND, Ayn. *Philosophy: Who needs it*, p.33-34.

<sup>46</sup> IOE, p. 298.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p, 298.

Quando um novo dado acerca de um conhecimento contradiz os dados anteriores o conhecimento não se soma e todo processo começa novamente. Para alcançar um nível distintivamente humano de cognição, o ser humano deve conceitualizar seus dados perceptivos e este é um processo que não é automático nem infalível. Diz a autora que a contradição não pode existir na realidade, pois os fatos são regidos pela lei da identidade e em um processo cognitivo de construção de conhecimento a contradição é a prova de um erro no pensamento. Em nível perceptual sabemos que uma entidade é, mas não sabemos o que é. Perceber uma entidade é perceber que ela é alguma coisa. A habilidade de definir essa identidade em termos explícitos é a tarefa da cognição conceitual, expressa em todas as perguntas que a mente pode formular.

Para a filósofa russa, conhecimento tem a ver com estudo e observação. É a descoberta de propriedades na natureza de certos objetos, existentes ou entidades. Uma mente ativa é necessária para efetuar tal processo. Este processo é volitivo e precisa ser iniciado conscientemente e por esforço próprio. Importante também sempre lembrar qual é o propósito do conhecimento: lidar melhor com aquilo que está estudando. Neste sentido, ensinar a alguém que a temperatura da água congela pode ser melhor efetivado se não dissermos a resposta, mas fizermos o aluno experimentar alternativas. Assim, o pensamento científico é a base da construção do conhecimento e experienciar alternativas é a abordagem mais eficaz para construir conhecimento.

#### **4.1. O Problema Entidade-Identidade-Causalidade**

A grande questão epistemológica que este texto traz é se é possível ao homem o conhecimento da natureza das coisas que existem. Para Ayn Rand, só é possível levantar um dilema quanto a isso se [i] tentarmos refutar os conceitos axiomáticos, ou [ii] se tentarmos acabar ou enfraquecer a relação entre esses conceitos, ou [iii] estabelecer a primazia da consciência como fundamento do conhecimento, ou [iv] separar entidade-identidade-causalidade. Sobre as três primeiras questões já

mencionamos aqui algumas consequências e porquês de suas aporias. Mas a questão [iv], a saber, a separação entre entidade-identidade-causalidade, é a que mais tem consequências práticas na construção do conhecimento. Ao estabelecer a existência como primazia e o metafisicamente dado como fato irreduzível para o conhecimento, a consequência para uma epistemologia objetivista é colocar a consciência como ponte entre as ações das entidades e a des-coberta de sua natureza (identidade), que faz com que elas ajam da maneira que agem (causalidade). Essa ação de investigação da natureza das coisas leva ao fato de que podemos conhecer mas estamos limitados a conhecer aquilo que está balizado pelas propriedades e atributos das entidades que agem. O mundo do conhecimento, antes de ser interpretativo, é descritivo. Aceitar a descrição daquilo que existe é aceitar a lei da identidade. Aceitar a lei da identidade é aceitar seu corolário, a lei da causalidade.

Essa separação entre entidade e identidade é como considerar um existente à parte de suas características; e a separação entre identidade e causalidade é como considerar uma ação sem uma causa objetiva. Porém, uma característica é um aspecto de uma entidade; e uma causa é um corolário da natureza de um existente. Enfraquecer a relação entidade-identidade-causalidade é enfraquecer a capacidade humana de conhecer e validar o que se conhece.<sup>48</sup>

A relação entre entidade, identidade e causalidade é, portanto, a base de uma epistemologia objetivista que aceita a existência e a capacidade do conhecimento humano.

---

<sup>48</sup> Para um maior aprofundamento deste tópico, conferir *The Analytic-Synthetic Dichotomy*, em IOE, p. 88-106

## V. EPISTEMOLOGIA DE AYN RAND E EDUCAÇÃO

O processo educativo, seja em área escolar ou não escolar, deveria estar muito mais centrado na aprendizagem do que no ensino. Mas muito da prática ainda está voltada para metodologias de ensino e priorizam esta abordagem a uma abordagem centrada na aprendizagem. Segundo Rui Canário<sup>49</sup> apenas quando houve a necessidade da formação de adultos é que, pela primeira vez, se voltou para a aprendizagem o foco maior do que para o ensino, pois esses adultos não se encaixavam na formatação já estabelecida de ensino regular que existia para crianças e jovens. Depois, quando a escola se tornou inclusiva, atendendo a todas as crianças ou jovens com alguma dificuldade de aprendizagem, a pergunta “como ele aprende?” ao invés da “com eu ensino?” passou novamente a ter mais ênfase no âmbito educacional.

Neste sentido, a epistemologia, como disciplina filosófica, trata exatamente da pergunta “como conhecemos?”, e trabalha, então, no sentido da pergunta fundamental para uma educação, seja escolar ou não escolar. Para Ayn Rand, a epistemologia filosófica, querendo ou não, acaba por ter um viés prático, pois estimula uma visão de mundo e uma posição frente a ele. A epistemologia objetivista, por sua vez, tem uma aplicabilidade, pois estimula o conhecimento do mundo externo e de sua identidade através da relação do sujeito com os fatos ou concretos. Essa relação é definida por ela como a relação existência-consciência e tem como produto um conhecimento que pode ser usado pelo sujeito para aumentar ainda mais sua capacidade de agir no mundo e ampliar o repertório de conhecimento sobre o próprio fato estudado ou sobre outras relações. Neste sentido pode ser uma ferramenta de desenvolvimento para a produção cognitiva, a qual educadores podem recorrer. É uma teoria normativa e combina uma relação profícua entre empirismo e lógica, aceita tanto existência quanto consciência, valida a lei da causalidade e coloca no sujeito a

---

<sup>49</sup> Professor catedrático da Faculdade de Psicologia e de ciências da educação e agregado em sociologia da educação da Universidade de Lisboa onde é coordenador das áreas de pesquisa de sociologia e formação de adultos. Em seu livro *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas* (ARTMED, 2007) ele examina o surgimento da escola de massas, suas benesses e mazelas, tanto sociais quanto para a aprendizagem.

responsabilidade da construção de seu conhecimento. Ao normatizar sua teoria, ela acaba deixando muitas afirmações, conceitos e aporias de fora em prol de uma atividade prática. Mas o que ela pretende com isso não é desestimular a discussão filosófica, mas afirmar que somos responsáveis por nosso trabalho cognitivo. Sermos falíveis ou limitados não desconsidera nosso aparato nem nossa natureza cognitiva, mas ao contrário, coloca mais responsabilidade em nosso método cognitivo e na capacidade de estabelecermos, de forma mais explícita, nossa capacidade de conhecimento. Se quisermos validar nossos conhecimentos através de *insights*, estruturas *a priori*, inatismo, revelações místicas ou supranaturais, então não precisamos atentar para a lei da identidade, pois algo pode ser não-algo a qualquer momento e sob qualquer circunstância que a consciência (qualquer consciência) quiser. Neste caso, uma epistemologia seria desnecessária. Porém, além de potencialidades, nada é dado ao homem automaticamente. Todo conhecimento (de si ou do mundo) tem que ser des-coberto, aprendido e adquirido de certa forma (e não de outra). Para ela, enfraquecer a capacidade de conhecimento humano é possível somente através da implosão da lei da identidade como ponte entre a existência e a consciência. Implodir a identidade da epistemologia é decretar a impossibilidade do conhecimento. Colocá-la em outro plano que não o da identificação dos atributos das entidades no plano empírico é corromper o aparato cognitivo humano valorando-o como incerto e impreciso porque falível. Pensar um ideal de ser humano onisciente e infalível que adquire conhecimento de forma imediata para evitar erros cognitivos é não guardar nenhuma relação com nossa natureza e desconsiderar a epistemologia humana. Para uma epistemologia responsável temos que ter uma mente protagonista da ação, no caso, da produção de conhecimento. É preciso considerar nossa natureza cognitiva e estabelecer um método que seja de acordo com essa natureza. Uma das propostas aqui é considerar que essa atividade mental na busca do conhecimento e o respeito à natureza cognitiva humana pode ser estimulada pela teoria epistemológica objetivista.

Para Ayn Rand um dos problemas de qualquer epistemologia é subestimar a atividade do sujeito ou por aceitar passivamente os fatos, i.é., por não desenvolver a consciência que vasculha a confirmação dos fatos pela lógica e pela razão, ou por

abandonar os fatos em favor de uma forma unicamente internalizada de adquirir conhecimento. Só percebendo o mundo e agindo nele, física e mentalmente, é que fazemos experiências e só através do nosso fazer é que chegamos à consciência dos objetos exteriores e de nossa própria pessoa. Apresentar uma epistemologia que subestime a capacidade de conhecer do ser humano ou que coloque o conhecimento como algo inalcançável só faz desestimular a aprendizagem e coloca o indivíduo não como protagonista, mas como vítima das contingências, sejam naturais do ser humano ou naturais dos fatos do mundo.

Na relação entre a epistemologia e a aprendizagem, podemos dizer que o princípio de qualquer processo de aprendizagem tem início com um dilema no sentido de perguntar, inquirir, querer causas e respostas. Para Ayn Rand *ciência* é o conhecimento sistemático adquirido pelo uso da razão baseado em observações, portanto ela define como o ponto inicial a curiosidade científica. Uma criança querendo saber por que o balão cheio de gás sobe ou por que a água congela é sinal de um pensamento científico natural do ser humano e o que um educador necessitaria fazer é apenas manter essa curiosidade ativa através de um processo epistemológico que resulte em algum conhecimento sem tolher as relações entre a existência-consciência e considerando a capacidade daquele que aprende Assim, a filósofa russa desconfia de que “verdades” filosóficas sem a validade de observações múltiplas ou provas podem ser consideradas realmente verdades ou conhecimento. Verdades lógicas sem relação com a experiência, são vazias. A atividade científica da observação e escrutínio, tanto na experiência quanto na reflexão, é de importância vital para a aquisição de um conhecimento. Estimular o pensamento científico e a atividade científica é o início de uma epistemologia. A inteligência conceitual, só inicia com o pensamento científico, no sentido da curiosidade e investigação das coisas do mundo e, tendo uma epistemologia relacional que dê suporte à atividade do sujeito, pode-se levar à uma relação mais construtiva entre existência e consciência.

Para exemplificar sua teoria epistemológica, Ayn Rand declara que o filme *The Miracle Worker*<sup>50</sup> é o exemplo da perfeita prática de como construir conceitos e como

---

<sup>50</sup> Em português, *O milagre de Annie Sullivan* que conta a história de uma menina, Helen Keller, cega e surda de nascença e que foi criada como um animal pela família até a chegada de Annie Sullivan, uma

a relação da experiência com os sentidos fortalece e estimula essa construção. Exatamente contra aqueles que estabelecem que o conhecimento adentra a mente vindo do mundo exterior mas sem a intermediação dos sentidos, ou para aqueles que estabelecem que o conhecimento vem de uma relação de conceitos sem necessidade da experiência, o filme mostra, de forma prática, o que a epistemologia objetivista afirma em teoria, que “concepts are the products of a mental process that integrates and organizes the evidence provided by mans’s senses”<sup>51</sup>. Para a filósofa, sem as evidências provenientes dos sentidos, não há como construir conceitos e sem conceitos não há tanto linguagem quanto conhecimento. A relação do indivíduo com o mundo, com as entidades, com os existentes é fundamental para o desenvolvimento de uma inteligência conceitual. O filme citado mostra exatamente a origem dos conceitos na mente humana e a sua dependência aos sentidos. Essa relação epistemológica mostrada no filme com uma menina já um pouco mais velha, pode ser generalizada para uma criança com seu aparato cognitivo sem deficiências e que está tendo seus primeiros contatos com o mundo. A relação existência-consciência (nesta ordem) e a investigação de como as coisas funcionam ou agem na ação com as entidades, leva a criança a desenvolver conceitos implícitos<sup>52</sup> de entidade, identidade e causalidade. E neste processo seus sentidos são de fundamental importância na construção dos conceitos, portanto, estimular os sentidos e relacioná-los às entidades do mundo fortalece, estimula e desenvolve sua inteligência conceitual.

### 5.1. Teorias Concorrentes

Considerando a relação do sujeito com o mundo e sua atividade no processo de construção de conhecimento, uma teoria epistemológica como o realismo platônico<sup>53</sup>,

---

nova cuidadora, onde, através apenas do tato começou a fazer com que a menina começasse a estabelecer relação com o mundo e assim a criar conceitos com apenas um dos únicos sentidos.

<sup>51</sup> RAND, Any. *Philosophy: Who needs it*. p. 121

<sup>52</sup> Cf. nota de rodapé 32 na página 27.

<sup>53</sup> Também considerado realismo extremo, é a teoria das Formas de Platão onde os Universais tinham existência fora do mundo empírico, mas eram tão reais quanto o mundo sensível, porém no mundo inteligível.

por exemplo, tem de ser descartada, pois, para tal doutrina, o sujeito não é ativo no conhecimento a limita-se a beneficiar-se, por reminiscência, do reflexo das formas eternas. Já o realismo imanente<sup>54</sup> de Aristóteles considerava o sujeito como conhecedor, mas limitava sua capacidade ativa de encontrar a essência das coisas, pois, para tal, necessitava de uma *intuição*, já que a essência das coisas era algo metafísico. O racionalismo<sup>55</sup> de Descartes diz que a primazia do conhecimento está na consciência, isto é, na mente, na subjetividade do sujeito independente da existência ou do real (mundo exterior). Não há, então, interação entre o sujeito e o objeto externo. Já uma teoria empírica como em Hume<sup>56</sup>, assume o mundo exterior, mas enfraquece a capacidade lógica do sujeito cognoscente e faz de sua consciência algo estático e dependente das associações de ideias *a posteriori*, colocando, assim, tudo no campo da contingência e negando a necessidade. Em Kant<sup>57</sup>, a construção *a priori* incita a entender que a inteligência não se limita a receber marcas como uma *tabula rasa*, mas estrutura o real por meio de formas *a priori* da sensibilidade e do entendimento. Neste sentido o sujeito que conhece tem alguma atividade, mas muito pouca pois tudo é dado anteriormente ao contato com a realidade e, mesmo após esse contato, não se chega ao conhecimento das coisas-em-si.

Olhando de outra forma, por escolas filosóficas, podemos analisar teorias epistemológicas e tentar ver qual delas daria conta de uma inteligência conceitual que prima pelo conhecimento e pela sua afirmação sem colocar o ser humano em becos sem saída. O *subjetivismo*<sup>58</sup> leva à visão de que o conhecimento é a criação de um

---

<sup>54</sup> Também considerado realismo moderado, é a teoria aristotélica de que não há Formas separadas das coisas sensíveis, mas que cada Forma coexiste somente em relação direta com as coisas particulares que estão neste mundo.

<sup>55</sup> Para Ayn Rand os racionalistas valorizam o papel da lógica na aquisição do conhecimento, mas minimizam o papel da experiência.

<sup>56</sup> Para Ayn Rand o empirismo proclama a experiência como fonte do conhecimento humano, mas minimiza o papel da lógica.

<sup>57</sup> Para Ayn Rand a filosofia do entendimento em Kant separa o mundo da consciência do da existência de forma profunda e estabelece o nada como resultado, pois estabelece as coisas do mundo como incognoscíveis, seja pelo aparato humano seja pela estrutura do mundo das coisas-em-si. É o autor de maior crítica da autora, pois identifica nele o grande responsável pela divisão entre conhecimento-sujeito-mundo.

<sup>58</sup> A doutrina que reduz a realidade das coisas (mundo externo) a estados internos do sujeito (percepções ou representações).

objeto através de processos ativos internos do sujeito. O misticismo<sup>59</sup> exterioriza a capacidade de conhecimento humano. O inatismo<sup>60</sup> afirma um valor extremo ao mundo interior do homem em detrimento do mundo exterior (na realidade, no seu enfraquecimento). O subjetivismo iluminista<sup>61</sup> rejeita a abordagem mística, mas sua alternativa é o nada: o homem, apesar de ter o aparato estrutural para o conhecimento, não apreende os fatos externos. O *intrinsicismo*<sup>62</sup> reconhece que o conhecimento requer conformidade à realidade, mas não há como conseguir essa conformidade exceto pela exposição passiva a entidades externas que acabam por afetar a consciência do indivíduo. Daí decorre que há outras faculdades de cognição como a intuição, o sexto sentido, a percepção extra-sensorial, a reminiscência, a revelação divina, entre outras. O *pragmatismo*<sup>63</sup> sustenta que o conceito de “realidade” é inválido e, portanto, a verdade não é correspondência aos fatos, mas *aquilo que funciona*. Validade em detrimento da verdade.

Todas as teorias acima descritas, por filósofos ou por escolas, ou invalidam a existência ou invalidam a consciência, ou minimizam a causalidade ou minimizam a lógica, ou defendem entidades à parte de suas identidades ou causas à parte das identidades. De alguma forma, todas atacam quase definitivamente a capacidade humana de conhecimento e seu método, a lógica, portanto, invalidam uma inteligência conceitual.

Quando os homens ficam privados de seu método de cognição, eles não têm meios de validar suas conclusões, não têm maneiras de distinguir a verdade do erro, o fato do desejo, a realidade da fantasia. A consequência é

---

<sup>59</sup> Para Ayn Rand é a doutrina que admite uma comunicação ou relação direta com algum ser divino e o homem à qual é a fonte de conhecimento.

<sup>60</sup> Teoria que afirma que existem conhecimentos não adquiridos com a experiência, mas que são inatos no ser humano.

<sup>61</sup> Para Ayn Rand o subjetivismo iluminista tem seu auge com Kant.

<sup>62</sup> Para Ayn Rand o intrinsicismo considera que a essência das coisas está intrínseca a elas “as special existents unrelated to man’s consciousness.” – IOE p. 53.

<sup>63</sup> Para Ayn Rand, pelo pragmatismo concentrar-se naquilo que funciona, não vai além para saber por que algo funciona e assim abdica de um conhecimento propriamente dito, ficando na categoria de pré-conhecimento.

frustração e fracasso, o fracasso de suas conclusões (inclusive suas conclusões morais), que não servem de orientação confiável para a ação.<sup>64</sup>

A consequência da aplicação de teorias epistemológicas que clivam ou limitam de forma fundamental o conhecimento humano é a dicotomia teoria-prática. O rompimento de existência e consciência ou conceitos e perceptos coloca em lados opostos o pensamento e a ação. A escolha é “mantenha-se leal aos conceitos que estão em desacordo com a realidade ou mantenha-se leal aos perceptos, dispensando os conceitos. A primeira escolha é a do intrinsecalista; a segunda é a escolha do subjetivista”.<sup>65</sup>

Para a epistemologia objetivista, não há conhecimento sem a relação *volitiva* entre consciência e existência, com primazia da existência. O sujeito do conhecimento tem alternativa para apreender fatos externos, porém tem de trabalhar para isso. O conhecimento é possível, porém não é automático.

(...) the satisfaction of every need of a living organism requires an act of *processing* by the organism, be it the need of air, of food or of knowledge. (...) No one would argue that since nature does not tell him automatically what to eat – as it does not tell him automatically how to form concepts – he should abandon the illusion that there is a right or wrong way of eating. (...) No one would argue that man eats bread rather than stones purely as a matter of “convenience”. It is time to grant to man’s consciousness the same cognitive respect one grants to his body – i.e., the same *objectivity*.<sup>66</sup>

Estar no controle do processo de cognição dá ao homem a capacidade de buscar conclusões de forma consciente e instrumentá-lo na revisão ou afirmação de seus conhecimentos. Para a educação é importante notarmos que nosso aparato cognitivo organiza dados sensoriais em passos e em uma ordem definida, construindo

---

<sup>64</sup> OFAR, p. 147.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 147.

<sup>66</sup> IOE, p. 81-82 .

integrações com base em conhecimento anterior. Esse processo é falível, e é exatamente por isso que temos que estar atentos à nossa forma de conhecer e aprender e esforçar-nos para construir um conhecimento e estimular os outros a fazê-lo.

A epistemologia filosófica coloca questões fundamentais para os fundamentos do conhecimento humano e seu estudo poderia ser uma das bases de quem trabalha na área da educação. Uma epistemologia que prima pela responsabilidade do sujeito na construção do conhecimento lhe dá liberdade e autonomia para ir além do que lhe é apresentado naquilo que Ayn Rand chama de metafisicamente dado<sup>67</sup> pode estimular a inteligência conceitual e desenvolver ao máximo o que o ser humano pode dar em sua capacidade epistemológica que engloba sua racionalidade (sua base), seu pensamento lógico (o método) e seu aparato cognitivo (seus meios) como um todo.

Para Ayn Rand uma educação teria que aceitar o fato da racionalidade humana e da lógica como a base de formação de uma inteligência conceitual. Por natureza somos seres conceituais e desenvolver nossas faculdades passa por desenvolver nossa capacidade racional através do método da lógica. Isso não impede que sejamos críticos quanto aos resultados e caminhos dessa racionalidade, mas combatê-la como um mal do homem em função de resultados desastrosos é fechar os olhos para todas as coisas realizadas pelo homem que fizeram da vida uma alternativa viável neste tempo em que ele está no mundo. É como fechar toda a banca de frutas porque as laranjas estão podres. Desenvolver a razão e a lógica para uma construção de uma inteligência conceitual promove, e não contradiz, uma humanidade do homem mais sensível, afetiva e crítica quanto ao seu lugar no mundo e sua importância relativa na construção e manutenção do mesmo. Aceitar a responsabilidade da construção do conhecimento é aceitar também as consequências a que isso proporciona e se colocar como alternativa ativa do mundo e das relações humanas. Aceitar a responsabilidade do conhecimento leva a estabelecer a responsabilidade em outras áreas das relações humanas.

---

<sup>67</sup> Cf. p. 10.

## VI. CONCLUSÃO

Faremos um pequeno retrospecto sobre os problemas colocados na introdução deste texto. A pergunta geral é como acessamos ou conhecemos aquilo que faz com que uma coisa seja o que é e a faz agir de certa maneira. Essa pergunta tem como premissas implícitas que [i] podemos conhecer [ii] uma coisa que existe [iii] a qual tem uma identidade [iv] e age de certa maneira em função dessa identidade. Portanto, este trabalho afirma que a existência existe e podemos estabelecer uma relação cognitiva com ela e assim desenvolver nossa inteligência conceitual. As respostas dadas a essas questões, pela epistemologia objetivista de Ayn Rand, são que o conhecimento é possível, pois o ser humano tem um aparato cognitivo natural que pode ser desenvolvido nas condições certas. Essas condições são as que favorecem a relação entre existência-consciência na construção da ponte que liga as duas, a lei da identidade, à qual se reconhece pelas ações que o sujeito observa das coisas do mundo, pois essas ações são uma consequência direta de como as coisas *devem* agir de acordo com sua natureza, as quais explicitam, assim, a lei da causalidade. A relação entidade-identidade-causalidade é a relação que fomenta o uso pleno de nosso aparato cognitivo se dermos primazia à existência e considerá-la como ponto de partida para nossa construção de conhecimento.

Para entender porque Ayn Rand defende com tanta veemência sua epistemologia, vale lembrar que existem teorias concorrentes entre aqueles que defendem nossa capacidade de conhecermos e aqueles que a rejeitam, como um todo ou em parte.<sup>68</sup> Elas concorrem em suas premissas às quais estruturam todo o saber, seja filosófico, científico ou prático. Na filosofia, teorias concorrentes podem coexistir, mas formam escolas diferentes que tentam dar uma abrangência quase totalizante em sua teoria, o que faz com que quem aceite uma abordagem tenha que, automaticamente, rejeitar as outras. Podemos colocar como o início desta disputa epistemológica entre entidade-identidade-causalidade, já na Grécia antiga quando Platão (427-347 a.C) formula sua teoria das formas. Nesta teoria, Platão separa

---

<sup>68</sup> Cf. p. 40-44

identidade de entidade, pois, por mais que uma esteja subjacente à outra, a essência se torna inacessível pelas entidades físicas<sup>69</sup>.

Na modernidade, tanto o filósofo escocês David Hume (1711-1776) quanto o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) separaram entidade de causalidade ou entidade de identidade, respectivamente. Suas epistemologias formavam sistemas impressionantes tanto em justificação quanto em originalidade<sup>70</sup>, mas ambos criaram uma clivagem entre conhecimento humano e existência. Para ambos, também, a identidade estava em um plano fora da experiência ou se estava na experiência não podia nos dar certezas de conhecimento.

Na contramão dessas três teorias está Aristóteles, que defendeu o conhecimento humano a partir do mundo exterior e associou a isso a des-coberta da causalidade inerente à identidade de cada coisa. Uniu física, metafísica e epistemologia deixando muito claros os limites entre a primeira e as duas últimas, mas não deixando claros os limites entre metafísica e epistemologia. Considerou a essência das coisas como algo além da física e da epistemologia e a qual só podia ser acessada pela intuição e não pela razão. i.é., algo metafísico. É essa parte platônica da filosofia epistemológica de Aristóteles que Ayn Rand descarta em sua epistemologia objetivista e, fazendo isso, limita de forma mais clara a diferença entre metafísica e epistemologia, deixando um campo muito maior para a segunda. As ligações entre elas continuam a existir e se dão pela consciência humana que é a faculdade que percebe a existência e busca a identidade das coisas junto com a razão. A metafísica, na teoria da filósofa russa, é mais limitada, mas não menos importante. Metafísica é o fato dado e este é um absoluto. O estudo da metafísica é o estudo da existência enquanto tal, mas não pelas causas ou efeitos, pois isso é a física que faz, mas pela identificação epistemológica da lei da identidade que é a lei que fundamenta o metafisicamente dado, i.é., aquilo que não está aberto à escolha do homem. O ponto de contato entre metafísica e

---

<sup>69</sup> No Livro Z da Metafísica, Aristóteles versa em muitos momentos sobre a inutilidade das formas platônicas na geração de conhecimento e na busca da essência.

<sup>70</sup> No *Tratado da natureza humana*, Livro I, David Hume expõe sua teoria sobre o conhecimento humano, suas afirmações empíricas e a origem das ideias humanas. Na sua obra *Crítica da Razão Pura*, Kant desafia sua teoria sobre a capacidade humana do conhecimento e sua estrutura *a priori* e constrói aquilo que chamará de *revolução copernicana* que seria a resposta ao problema do conhecimento colocada na pergunta: o que podemos conhecer?

epistemologia, para ela, se dá pela consciência que percebe a existência como primazia e base para o desenvolvimento da inteligência conceitual. O campo mais amplo de investigação se dá na epistemologia que é o campo onde o ser humano constrói o conhecimento e a partir daí pode dar vazão a outras questões humanas como a ética, a política e a estética.

Restabelecer o vínculo entidade-identidade-causalidade é a forma que Ayn Rand achou para respeitar o aparato cognitivo do ser humano e valorizá-lo em suas capacidades de relação consigo, com o conhecimento, com o mundo e com os outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGIONI, Lucas. *As noções aristotélicas de substância e essência*. Campinas: UNICAMP, 2008
- ARISTÓTELES. *Física I-II*. Trad. Lucas Angioni. Campinas: UNICAMP, 2009
- \_\_\_\_\_. *Metafísica*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2006
- \_\_\_\_\_. *Órganon*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2005
- HUME, David. *Tratado da natureza humana*. 2ª ed. Trad. Déborah Danowski. São Paulo: UNESP, 2000
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. 5ª ed. Trad. Manuela Pinto dos Santos, Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001
- PEIKOFF, Leonard. *Objetivismo: a filosofia de Ayn Rand*. Trad. Beatriz Viégas Faria. Porto Alegre: Ateneu Objetivista, 2000
- RAND, Ayn. *Introduction to Objectivist Epistemology*. New York: Meridian, 1990
- \_\_\_\_\_, Ayn. *Philosophy: Who needs it*. New York: Signet, 1984